



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO - UFOP
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA DA UFOP - EEFUFOP
LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO FÍSICA**



Gabriel Davi Félix Souza

**MUITO ALÉM DO JOGO: RELATO DE EXPERIÊNCIA NO
PROGRAMA INSTITUCIONAL DE ESPORTE E LAZER (PIEL) DO IFMG –
CAMPUS OURO PRETO**

**OURO PRETO
2025**

Gabriel Davi Félix Souza

**Muito além do jogo: Relato de experiência no Programa Institucional de
Esporte e Lazer (PIEL) do IFMG – Campus Ouro Preto**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Curso de Licenciatura em
Educação Física da Universidade Federal
de Ouro Preto como requisito parcial para
obtenção do título de Licenciado em
Educação Física.

Orientadora: Profa. Dra. Marie Luce
Tavares

Coorientador: Prof. Dr. Kelerson Mauro
de Castro Pinto

**OURO PRETO
2025**

SISBIN - SISTEMA DE BIBLIOTECAS E INFORMAÇÃO

S729m Souza, Gabriel Davi Felix.

Muito além do jogo [manuscrito]: relato de experiência no Programa Institucional de Esporte e Lazer (PIEL) do IFMG - Campus Ouro Preto. / Gabriel Davi Felix Souza. - 2025.

34 f.: il.: tab..

Orientadora: Profa. Dra. Marie Luce Tavares.

Coorientador: Prof. Dr. Kelerson Mauro de Castro Pinto.

Monografia (Licenciatura). Universidade Federal de Ouro Preto. Escola de Educação Física. Graduação em Educação Física .

1. Programa Institucional de Esporte e Lazer (PIEL). 2. Instituto Federal Minas Gerais (IFMG). 3. Educação física - Voleibol. 4. Programas de estágio. 5. Educação física. I. Tavares, Marie Luce. II. Pinto, Kelerson Mauro de Castro. III. Universidade Federal de Ouro Preto. IV. Título.

CDU 379

Bibliotecário(a) Responsável: Maristela Sanches Lima Mesquita - CRB-1716



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO
REITORIA
ESCOLA DE EDUCACAO FISICA
DEPARTAMENTO DE EDUCACAO FISICA



FOLHA DE APROVAÇÃO

Gabriel Davi Felix Souza

Muito além do jogo: relato de experiência no Programa Institucional de Esporte e Lazer (PIEL) do IFMG – campus Ouro Preto

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura em Educação Física da Universidade Federal de Ouro Preto como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado em Educação Física

Aprovada em 14 de agosto de 2025

Membros da banca

Profa. Dra Marie Luce Tavares - Orientadora - Instituto Federal de Minas Gerais - IFMG
Prof. Dr. Kelerson Mauro de Castro Pinto - Coorientador - Universidade Federal de Ouro Preto - UFOP
Prof. Dr. Silvio Ricardo da Silva - Universidade Federal de Ouro Preto - UFOP
Profa. Dra. Marcella de Castro Campos Velten - Instituto Federal de Minas Gerais - IFMG

Prof. Dr Kelerson Mauro de Castro Pinto, coorientador do trabalho, aprovou a versão final e autorizou seu depósito na Biblioteca Digital de Trabalhos de Conclusão de Curso da UFOP em 05/09/2025



Documento assinado eletronicamente por **Kelerson Mauro de Castro Pinto, PROFESSOR DE MAGISTERIO SUPERIOR**, em 05/09/2025, às 21:50, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site http://sei.ufop.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **0974394** e o código CRC **99F78F4B**.

AGRADECIMENTOS

Este trabalho representa muito mais do que somente páginas escritas; ele carrega todos os sentimentos, incertezas e todo desenvolvimento. Por isso, meu agradecimento é a todos que fizeram parte dessa trajetória.

Agradeço profundamente à minha família, que sempre foi meu ponto de apoio, mesmo em meus momentos ruins, nunca deixaram de estar ao meu lado. Em especial, à minha mãe, pai e irmãs, que acreditaram em mim mais do que eu mesmo acreditava.

Aos professores, que foram além do papel de educadores, sendo verdadeiros exemplos de conhecimento e dedicação. Em especial, aos professores: Ana Paula, Kelerson, Marcella, Marie e Samuel que foram peças essenciais nessa trajetória me acolhendo com paciência, compreensão e sabedoria, se tornando exemplos para mim. Um agradecimento especial ao Pablo, por ter se tornado um parceiro de trabalho e um grande exemplo a seguir.

Aos meus amigos, que compartilharam comigo risadas, fofocas, desabafos e vitórias. Em especial, agradeço a Aritana, Aninha, Arroz, Bruna, David, Duda, Lorena, Lorena, Tati, Richard e Vivian por estarem comigo, mesmo de longe, durante toda essa fase.

À república Lunáticos que foi meu lar durante a maior parte dessa fase, agradeço o acolhimento, companheirismo, apoio e pelas incontáveis memórias que levarei comigo.

Por fim, agradeço a todas as pessoas que passaram por minha vida durante este percurso e deixaram marcas, mesmo que em pequenos gestos. Cada palavra de incentivo, cada abraço e cada troca de experiência me fortaleceram para chegar até aqui.

Este trabalho não é só meu. Ele pertence a cada pessoa que acreditou em mim e caminhou ao meu lado.

Muito obrigado de coração.

*"No esporte, assim como na vida, o aprendizado é constante e o crescimento,
inevitável." (Bernadinho)*

RESUMO

Este Trabalho de Conclusão de Curso tem como objetivo relatar e analisar a experiência de estágio vivenciada no âmbito do Programa Institucional de Esporte e Lazer (PIEL) do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Minas Gerais (IFMG) – Campus Ouro Preto. O estágio foi realizado no projeto "Oficinas de Voleibol" do PIEL. Foram desenvolvidas atividades com turmas de níveis diferentes, proporcionando um processo formativo pautado em desafios teóricos e práticos. A atuação prática foi essencial para compreender a importância do planejamento pedagógico, da periodização dos treinos, da adaptação dos exercícios por meio de jogos e da utilização do esporte como ferramenta de socialização. O acompanhamento dos supervisores e a vivência em diferentes níveis de aptidão técnica dos atletas contribuíram de forma significativa para o crescimento pessoal, acadêmico e profissional, reafirmando o estágio como um espaço de formação crítica, reflexiva e transformadora.

Palavras-Chave: Educação Física, PIEL, Estágio, Voleibol.

ABSTRACT

This Final Paper aims to report and analyze the internship experience carried out within the Institutional Program of Sport and Leisure (PIEL) of the Federal Institute of Education, Science and Technology of Minas Gerais (IFMG) – Ouro Preto Campus. The internship was developed through the PIEL project "Volleyball Workshops". Based on two distinct stages of the internship, conducted in 2019–2020 and 2023–2024, activities were implemented with groups of different skill levels, providing a formative process grounded in both theoretical and practical challenges. The practical engagement was essential to understanding the importance of pedagogical planning, training periodization, exercise adaptation through games, and the use of sport as a tool for socialization. The guidance from supervisors and the experience with athletes of varying technical abilities contributed significantly to personal, academic, and professional development, reaffirming the internship as a space for critical, reflective and transformative education.

Keywords: Physical Education, PIEL, internship, Volleyball.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	13
PERCURSO METODOLÓGICO	15
ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS	25
CONSIDERAÇÕES FINAIS	30
REFERÊNCIAS	31
ANEXO A	34

INTRODUÇÃO

O esporte é uma manifestação sociocultural e política abrangente que se adapta e se reinventa a cada sociedade reforçando suas características únicas e peculiaridades (Tubino, 2010). No Brasil, a história do esporte é marcada por diversos movimentos em prol de sua democratização, passando o Estado a ter papel fundamental na sua garantia, evidenciado na Constituição Federal de 1988, onde o direito, acesso e desenvolvimento do esporte passam a ser responsabilidade do poder público (Brasil, 1988).

As práticas esportivas no Brasil, segundo Tubino (2010), são divididas em três manifestações: esporte educacional, esporte de participação e esporte de rendimento. Essas manifestações estão presentes em diferentes ambientes, mesmo que em determinados momentos os aspectos dessas práticas se entrelacem, há características únicas que determinam seu tipo. Neste relato falaremos principalmente sobre o esporte educacional e sua relação com o Programa Institucional de Esporte e Lazer (PIEL).

Dessa forma, adotamos o conceito de esporte-educação conforme definido por Marques, Gutierrez e Almeida (2008):

Ocorrência na escola formal, próprio da Educação Física, visto que nesse ambiente ele faz parte de todo um projeto pedagógico próprio dessa área de conhecimento e da instituição em que se encontra, o que direciona para determinada concepção de educação que se julgue adequada. É importante considerar também que o esporte se manifesta nesse ambiente tanto em aulas curriculares quanto extracurriculares, o que pode significar mudança no sentido da prática (Marques; Gutierrez; Almeida; 2008).

O esporte educacional no contexto do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Minas Gerais (IFMG), apresenta características próprias que refletem sua proposta pedagógica e formativa. (Marques; Gutierrez; Almeida; 2008) Nesse cenário, o Programa Institucional de Esporte e Lazer (PIEL), instituído pela portaria nº 16 de janeiro de 2018 e alterado pela portaria nº 459 de abril de 2019, surge como forma de democratização e difusão do esporte no meio escolar. Segundo o IFMG (2018), a finalidade deste programa se dá pela promoção de práticas esportivas, atividades físicas, experiências culturais e vivências de lazer para o sistema formal e não formal de ensino, priorizando a inclusão, ou seja, a condução das ações institucionais deve evitar práticas seletivas ou demasiadamente competitivas, desenvolvendo o indivíduo de forma integral e para o exercício de sua cidadania.

A proposta do PIEL dá autonomia aos campi para a criação de projetos locais que atendam às demandas específicas da sua comunidade e trabalhem dentro das normativas previstas pela portaria (IFMG, 2019). Nesse contexto, o IFMG – Campus Ouro Preto propõe práticas

corporais diversificadas para a prática dos seus estudantes. Os projetos submetidos ao PIEL pelo campus trazem diferentes práticas corporais para os alunos, entre elas: capoeira, danças, ginásticas, basquetebol, futsal, handebol e voleibol. Esta ampla variedade de práticas corporais é de extrema importância para o desenvolvimento dos estudantes.

A partir desse cenário que o voleibol é ofertado no projeto “Oficinas de Voleibol” do Campus de Ouro Preto através do PIEL. A modalidade sofreu diversas modificações desde a sua criação em 1895 nos Estados Unidos. Inicialmente, a modalidade foi pensada como uma alternativa para os esportes de contato, sendo especialmente pensada para praticantes de meia-idade (Bizzochi, 2013). As modificações no voleibol visaram tornar o jogo mais dinâmico, visto que, as partidas de voleibol duravam horas e conflitavam com os interesses das emissoras.

No Brasil, o voleibol foi introduzido na primeira metade do século XX e difundido nas escolas e clubes a partir da década de 1930. Dentro do contexto escolar, a modalidade se disseminou rapidamente como forma de recreação e um importante conteúdo a ser trabalhado nas aulas de educação física (Bizzochi, 2013). Ademais, é destacado como um dos conteúdos da Base Nacional Comum Curricular (BNCC), sendo incluído no eixo de esportes de rede/parede.

O ensino do voleibol segundo a BNCC (2018), deve ir além do simples treinamento técnico, valorizando a compreensão tática, o respeito às regras, a coletividade e a inclusão de todos os estudantes. Nesse sentido, a modalidade é um conteúdo essencial, contribuindo para a formação integral dos alunos e favorecendo o desenvolvimento de competências socioemocionais, cognitivas e motoras.

Além do espaço curricular, o voleibol também desempenha papel importante nas práticas extracurriculares, como oficinas, projetos de contraturno e atividades de extensão. De acordo com IFMG (2020) nesses contextos, ele proporciona oportunidades de vivência mais aprofundada da modalidade, permitindo o desenvolvimento de habilidades específicas, o fortalecimento de vínculos sociais e o estímulo à participação na cultura esportiva.

Diante desse contexto, o objetivo geral desse trabalho é relatar e discutir a experiência vivenciada durante a participação no projeto de voleibol desenvolvido no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Minas Gerais – Campus Ouro Preto (IFMG), no âmbito do Programa Institucional de Esporte e Lazer (PIEL), destacando os impactos pessoais, acadêmicos e sociais no processo de formação profissional. Para tanto, foram delineados os seguintes objetivos específicos: a) identificar os impactos proporcionados pelo projeto no ambiente educacional; b) destacar os impactos pessoais e de formação acadêmica desta experiência; e c) analisar experiência do estágio com os objetivos do PIEL.

Ressaltamos que o estágio, enquanto etapa obrigatória e parte da formação, permite ao estudante vivenciar desafios reais, interagir com o ambiente escolar e aplicar conhecimentos adquiridos em sala de aula em situações concretas. Nesse sentido, o presente Trabalho de Conclusão de Curso justifica-se por relatar a experiência vivida no âmbito do Programa Institucional de Esporte e Lazer (PIEL) do Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia – Campus Ouro Preto, destacando sua relevância como espaço formativo, de aplicação dos saberes construídos ao longo da graduação e de desenvolvimento de competências profissionais.

PERCURSO METODOLÓGICO

O relato de experiência é uma modalidade de escrita que procura evidenciar as experiências vivenciadas em um contexto acadêmico, sendo ele estágio, pesquisa, extensão, PIBID etc. Partindo desse pressuposto o presente relato descreverá as atividades que ocorreram no período de estágio não obrigatório durante o curso de licenciatura em educação física da Universidade Federal de Ouro Preto. Para construir essa narração utilizamos como referência os autores Mussi, Flores e Almeida (2021) no artigo “Pressupostos para a elaboração de relato de experiência como conhecimento científico”. (Consultar ANEXO A)

Conforme informações disponíveis no site institucional IFMG (2018): o Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Minas Gerais, localizado na cidade histórica de Ouro Preto passou por diversas reestruturações. Em 1959, a antiga Escola Técnica Industrial de Ouro Preto tornou-se uma autarquia federal, sendo renomeada como Escola Técnica Federal de Ouro Preto (ETFOP). Em 2002, a ETFOP vinculou-se ao MEC e se transformou em um Centro Federal de Educação Tecnológica (CEFET) e, por fim, em 2008, por meio da Lei n.º 11.892/2008, tornou-se Instituto Federal de Minas Gerais (IFMG) (IFMG, 2018).

Durante os vários processos de reestruturação dessa rede de ensino, em 1964, a antiga ETFOP foi transferida para as instalações do 10º Batalhão de Caçadores do Exército Brasileiro (IFMG, 2018). O campus Ouro Preto conta com uma infraestrutura esportiva ampla e diversificada: duas quadras cobertas, quatro quadras externas, sala de lutas, espaços destinados à ginástica e à dança, além de uma sala de recreação. O local também possui uma piscina e áreas ao ar livre que propiciam práticas diversas. Complementando essa estrutura, há uma grande variedade de materiais esportivos, o que permite a realização de práticas variadas, inclusivas e adaptadas para diferentes modalidades.

O esporte educacional, definido anteriormente, propicia aos alunos dos diferentes níveis de ensino (fundamental e médio) vivenciar práticas corporais, aprendendo suas regras, valores, técnicas etc. É nesse ambiente que os indivíduos, em diversas ocasiões, têm o primeiro contato com práticas corporais. Segundo Marques, Gutierrez e Almeida (2008), nesse contexto, o esporte ocorre não somente em aulas curriculares; também são frequentes práticas extracurriculares, que podem apresentar finalidades distintas daquelas relacionadas ao currículo básico escolar.

Nessa conjuntura, o projeto “Oficinas de Voleibol” do campus Ouro Preto proporciona atividades extracurriculares que possibilitam aos alunos o desenvolvimento e a melhoria técnica e tática na modalidade, promovendo a socialização dos estudantes, a viabilização da prática esportiva e a representação de seus participantes, tanto internos quanto externos, em competições oficiais e não oficiais (IFMG, 2023).

Antes de iniciarmos o relato, é importante destacar como o Programa Institucional de Esporte e Lazer (PIEL) funciona, essa ação institucional é fomentada pela assistência estudantil e pelo setor de extensão do IFMG (IFMG, 2019). Cada campus destina uma parte da sua verba para o funcionamento e a partir desse financiamento que os projetos são subsidiados durante sua execução. Cada projeto após submetidos ao setor de extensão, escolhe os estagiários por meio de um processo seletivo e caso estejam aptos recebem uma bolsa do programa institucional de bolsas de iniciação à extensão universitária (PIBEX).

Além do voleibol, no campus Ouro Preto também funcionam diversos projetos do PIEL, como basquete, danças, futsal, handebol, lutas, tênis de mesa, xadrez. Todos esses com custeados pelo PIEL.

As práticas extracurriculares esportivas relatadas ocorreram em períodos distintos: de junho de 2019 a janeiro de 2020, com uma turma avançada de voleibol masculino, realizando três sessões de treino de 2 horas por semana; de setembro de 2023 até agosto de 2024, com turmas iniciantes/intermediárias de voleibol (feminino e masculino), com cinco sessões de treino de 1h30min por semana, sendo que no período de abril a agosto de 2024 atuei como voluntário no PIEL. Após uma parceria com a Fundação Antônio Francisco Lisboa – o Aleijadinho, o estágio no projeto continuou de setembro de 2024 até o fim do mês de fevereiro de 2025.

As sessões de treino ministradas durante o estágio tinham como principal objetivo desenvolver os aspectos técnicos e táticos do voleibol, aperfeiçoar as habilidades sociais, emocionais e afetivas, além de contribuir significativamente para o desenvolvimento das capacidades físicas dos alunos, proporcionando melhorias no dia a dia.

Além dos espaços citados anteriormente, também contamos com diversos materiais para a execução das aulas. Entre eles: bolas de voleibol, basquete, tênis, antenas, redes, postes, estepes, plintos, máquina para saque e ataque, cones, biruta, escada de agilidade, proteção para poste, colchonetes etc. Essa vasta variedade de materiais possibilitou sessões de treino diversificadas e de qualidade, contribuindo de forma significativa para a evolução das equipes em questão.

A carga horária do estágio era segmentada, em sua maior parte, em 20 horas semanais, distribuídas em 10 horas destinadas às sessões de treinamento e 10 horas alocadas para planejamento e avaliação junto ao professor supervisor do estágio. Essa carga horária apresentava variações em virtude de eventos externos que ocorriam ao longo do período do estágio, os quais resultavam em deslocamentos para representar a instituição em encontros esportivos do IFMG e nos Jogos das Instituições de Educação Tecnológica Federais da Região Sudeste (JIFETS).

Considerando o contexto descrito anteriormente, as intervenções foram divididas em três momentos: (i) primeira intervenção, referente ao primeiro período, que ocorreu entre 2019 e 2020; (ii) segunda intervenção, as ações realizadas no período de 2023 a fevereiro de 2024; e (iii) terceira intervenção, que se iniciou em abril de 2024, foi interrompida pela greve e retomada ao final de junho, estendendo-se até o final de fevereiro de 2025.

Na primeira intervenção, o estágio foi realizado na primeira metade do curso de educação física, em uma turma masculina de voleibol, com idade entre 15 e 19 anos. Os participantes já tinham vivenciado o voleibol anteriormente com outra estagiária, ou seja, compreendiam e executavam bem os aspectos táticos e técnicos da modalidade.

As sessões de treino da turma avançada foram ordenadas da seguinte forma: 15 minutos de aquecimento¹, 30 a 45 minutos de treino técnico, 35 a 50 minutos de treino tático/coletivo e 10 minutos de avaliação da aula. Essa distribuição sofria alterações conforme a proximidade de competições e amistosos, aumentando ou diminuindo a duração dos treinos técnicos e táticos, de acordo com as especificidades da competição e das equipes.

Apesar da ausência de uma periodização adequada para a turma e de reuniões periódicas com a supervisão a fim de estruturar as aulas de forma contínua, os fundamentos que aprimoramos durante as sessões de treino foram: saque, recepção, levantamento, ataque, bloqueio e defesa. Estes fundamentos são primordiais para a construção e andamento do jogo de voleibol.

¹ Conforme Alencar e Matias (2010) são “todas as medidas que servem como preparação para a atividade, seja aula, treinamento ou para competição.”

A distribuição das sessões de treino foi feita da seguinte forma, mas não necessariamente nessa ordem: 1) saque e recepção; 2) levantamento, ataque e bloqueio; 3) defesa; 4) simulado de jogo. De acordo com a necessidade da turma, a parte técnica do treino era destinada a um ou mais dos elementos citados anteriormente.

As atividades realizadas com a turma do primeiro estágio consistiram em atividades em grupo, considerando as posições especializadas do sistema de jogo 5x1, sendo elas: centrais, levantadores, líberos, ponteiros e opostos. Cada posição possuía treinos específicos para desenvolver as habilidades e competências exigidas. Nos treinos de saque e passe, por exemplo, os principais atores que compunham a linha de passe eram os líberos e ponteiros, enquanto no saque os principais atuantes eram os centrais e opostos.

Além das atividades em grupo, também foram utilizados jogos adaptados, tendo como principal intuito a criação de alternativas criativas para as delimitações propostas para os exercícios. Algumas restrições, como alteração do tamanho da quadra, número de jogadores, limitação das ações de jogo e número mínimo e/ou máximo de toques, são exemplos do esquema utilizado no desenvolvimento das sessões.

Durante esse período, a equipe participou da 28ª (vigésima oitava) edição dos Jogos das Instituições Federais de Educação Tecnológica da Região Sudeste (JIFETS) em São Paulo - SP e do I Torneio Turin de Voleibol. No JIFETS, o grupo conquistou o 4º (quarto) lugar e, no torneio Turin, ficou em 2º (segundo) lugar.

O mês anterior de preparação para essas competições ocorreu simulados de jogos, utilizando a máquina de saque e ajustes técnico-táticos para que encontrássemos as melhores opções de jogo, aumentando a efetividade do ataque e melhorando o desempenho e a estruturação da defesa para que a mesma conseguisse criar situações favoráveis ao contra-ataque.

Após disputar o JIFETS, continuamos as atividades com os elementos citados anteriormente e finalizamos o estágio organizando uma competição no próprio campus, o I Torneio Turin de Voleibol. Esse campeonato era em formato de quadrangular, contando com duas equipes de Ouro Preto e duas equipes de Mariana. Ao final do torneio, a equipe conquistou o segundo lugar no pódio.

Essa intervenção encerrou-se em fevereiro de 2020, meses antes da pandemia mundial de SARS-Cov-2², que ocasionou o isolamento social mundial que durou cerca de 2 anos, antes da retomada das atividades presenciais em todo o país, com exceção dos serviços essenciais.

² Segundo o ministério da saúde “a Covid 19 é uma infecção respiratória aguda causada pelo coronavírus SARS-CoV-2, potencialmente grave, de elevada transmissibilidade e de distribuição global.” (Brasil, 2020)

Após o retorno das aulas presenciais em 2022, o projeto retomou suas atividades, porém participei do Programa de Residência Pedagógica (PRP) de novembro de 2022 a abril de 2024, que também acontecia no IFMG nas aulas de educação física. E por fim, somente em agosto 2023, com a abertura de um novo edital para bolsista do PIEL, retornei ao projeto após o processo seletivo.

Para a segunda intervenção, realizada de setembro 2023 a agosto de 2024 com uma turma composta por alunas de 15 a 19 anos, em que a maioria já praticava voleibol, e uma turma masculina composta por alunos da mesma faixa etária, tendo iniciantes e intermediários.

A divisão das aulas para os grupos seguiu a seguinte sequência: 10 a 15 minutos de aquecimento utilizando exercícios coordenativos, 45 minutos de treino técnico e 30 a 45 minutos de jogos adaptados nos meses iniciais do processo.

Após treinos avaliativos, foram identificadas algumas restrições em relação ao aspecto técnico das equipes femininas e masculinas, o que culminou em treinos voltados para o aprimoramento dessas habilidades, com o intuito de qualificar o momento de jogo das equipes.

As primeiras ações foram realizadas visando a melhoria técnica da manchete, saque e toque, o que exigiu diversos treinos com deslocamento, posicionamento do corpo, velocidade do braço, tempo de reação e exercícios que melhorassem a recepção e o levantamento dos alunos. Após ajustarmos esses três fundamentos, começamos a ajustar a passada de aproximação para o golpe na bola, com mediação da máquina de ataque, que fixava a bola a uma altura que facilitava a execução da passada, retirava o ajuste de tempo e proporcionava um bom salto para potencializar a realização do gesto técnico.

Em seguida, partimos para os treinos técnicos-táticos, por meio de simulados citados anteriormente, para participar do Encontro Esportivo que aconteceria ainda no ano letivo de 2024, no campus São João Evangelista. Essa atividade integra o conjunto de ações previstas pelo Programa Institucional de Esporte e Lazer (PIEL) e tem como objetivo principal a promoção do esporte, do lazer e da cultura entre os campi do IFMG. Nesse evento, que funciona em formato de festival, time feminino disputou três jogos, nos quais saiu vitorioso nos três. Já o time masculino participou de três jogos, ganhando dois e perdendo um.

Esse encontro foi um momento importante de socialização dos alunos com outros campi. Em uma dessas ocasiões, foi realizada uma guerra de balão d'água com os alunos do campus Ouro Branco, para aliviar o calor, além de gerar um clima agradável. Indo de encontro de uma das finalidades do PIEL descrita por IFMG (2019) "Integrar social e culturalmente o corpo discente e servidores, fortalecendo o vínculo entre as instituições participantes".

O tempo de intervenção dessa parte do estágio foi bem curto devido às atividades do fim do ano letivo. Além disso, também havia propostas da área da educação física para a disciplina curricular, na qual os alunos tinham participação obrigatória.

Para finalizarmos a segunda intervenção, realizamos um campeonato interno misto de duplas. Nessa ação, poderiam ser inscritos três atletas, porém, durante o jogo, só podiam ter duas pessoas em quadra. No dia da final, aproveitamos o espaço da piscina do campus para as atividades e foi organizado um lanche coletivo para todos os presentes.

Antes de avançar para o próximo ponto, é importante destacar que, caminhando para os momentos finais da graduação e após a participação no PRP, ao desenvolver um olhar mais crítico e maduro sobre as atividades realizadas, iniciei uma busca mais intencional por conhecimentos teóricos e práticos que pudessem qualificar minhas futuras intervenções. Essa mudança de postura marcou a transição de uma atuação baseada apenas nos saberes adquiridos enquanto atleta da modalidade para uma prática pautada em saberes científicos.

Na terceira intervenção, que se iniciou após as férias escolares, as atividades ocorreram de abril de 2024 até fevereiro de 2025. As turmas que participaram do projeto nessa etapa se assemelham nas faixas etárias descritas anteriormente; entretanto, diferenciam-se no nível técnico, dado que os alunos participantes vivenciaram de modo restrito essa modalidade.

As sessões de treino dessa turma foram distribuídas da seguinte forma: 10 a 15 minutos de aquecimento utilizando exercícios coordenativos, 30 a 35 minutos de treino técnico e 30 a 45 minutos de mini vôlei e jogos adaptados nos meses iniciais do processo, além de 10 minutos de avaliação. Nos meses iniciais, os treinos eram realizados de forma mista (masculino e feminino), com cerca de 20 a 30 alunos por turma.

O planejamento da sequência dos treinos seguiu a divisão proposta por Bizzochi (2013), que orienta a repartição dos fundamentos em dois grupos: grupo 1 — toque, manchete e saque por baixo; e grupo 2 — saque por cima, ataque, bloqueio e defesa. A divisão desses fundamentos se dá pelo nível de complexidade, dificuldade de execução e compreensão da lógica do jogo.

De modo geral, o desenvolvimento dos fundamentos básicos da modalidade utilizou métodos tradicionais que, segundo Saad (2002), têm como característica fragmentar os movimentos específicos da modalidade, utilizando exercícios e/ou jogos para estruturar o aprendizado, o qual será pautado nos princípios da simplicidade, análise e progressividade.

Além dos métodos tradicionais, também foi utilizado o método progressivo-associativo que, segundo Bizzochi (2013), realiza-se quando os fundamentos são distribuídos e ensinados a partir de sua similaridade, aumentando-se, em sequência, o grau de dificuldade.

As atividades para os grupos de fundamentos 1 e 2, mencionados anteriormente, iniciaram-se com proposições de atividades que aumentassem o grau de dificuldade e complexidade. O aumento e/ou diminuição da complexidade ou dificuldade partia da inclusão de elementos como deslocamento, velocidade, dissociação de membros específicos para diminuir a exigência do aspecto motor, adição de complementos, parâmetros de pressão etc.

Além disso, para o desenvolvimento do jogo, as estruturas funcionais³ serviram como base de apoio para criar situações em que o aluno mantivesse o maior tempo de contato com a bola e criasse alternativas para atingir o objetivo proposto na atividade. As atividades ocorriam na quadra ou em espaços adaptados, com condicionantes que direcionassem o aluno a tomar a decisão mais próxima do que se considera “correta”.

No grupo 1, o toque foi o primeiro fundamento a ser trabalhado. De acordo com Bizzochi (2013), esse fundamento possui um alto nível de complexidade e coordenação e deve ser ensinado antes da manchete, para que os alunos não se frustrem com esse fundamento e utilizem apenas a manchete como ação de jogo.

Em seguida, a manchete começou a ser desenvolvida isoladamente, assim como o toque, e, em sequência, acopla-se o toque à manchete em exercícios que utilizem bastante deslocamento, e por fim, direciona-se para jogos onde começamos a nos aproximar das ações de jogo com saque de toque, recepção, levantamento e ataque de toque.

A variação de direção, movimento e formas de tocar na bola (frente, costas, lateral) a partir desses dois fundamentos foi essencial para desenvolver nos alunos repertório e autonomia, para que eles encaixassem esses dois fundamentos no desenvolvimento do jogo.

O terceiro fundamento desenvolvido foi o saque por baixo, que se assemelha à manchete pela forma de rebater a bola com uma das mãos. A intenção, nesse primeiro momento, é colocar a bola em jogo. Nesse fundamento, o entendimento e a execução da ação foram de extrema importância para facilitar o aprendizado da habilidade em questão. A variação de distância, altura, direção e velocidade foram características fundamentais a serem desenvolvidas.

No que tange aos aspectos táticos, foram utilizados sistemas técnicos situacionais para aproximar o aluno da ação de jogo. Nesse ponto, exercícios que exigiam o entendimento, rápida reação e tomada de decisão dos alunos foram determinantes para finalizar o primeiro grupo de fundamentos desenvolvidos.

³ De acordo com Tani, Basso e Correa (2012) *apud* Greco (1998) “são situações de jogo semiestruturadas que envolvem comportamentos individuais e coletivos, jogadas básicas extraídas do jogo e situações que podem não abranger a ideia total de jogo, porém possuem o elemento central do mesmo.”

A diversidade e adaptação dos jogos e/ou exercícios contribuem para que eles se tornem motivantes e propiciem uma experiência construtiva (Krahenbuhl, Machado, Milistetd e Leonardo, 2014). Sendo assim, os jogos foram restritos à execução dos fundamentos aprendidos no grupo 1, as regras foram adaptadas para que facilitassem o desenvolvimento desses três elementos dentro do jogo e a compreensão do sistema de jogo inicial, conhecido como 6x0.

O sistema de jogo 6x0 ou 6x6 é comumente utilizado na iniciação do voleibol por prezar que todos os alunos participem de todas as ações do jogo (levantamento, saque, ataque, passe etc.), evitando a especialização precoce em posições específicas. Segundo Krahenbuhl, Machado, Milistetd e Leonardo (2014), diversificar posições dentro do voleibol desenvolve alunos mais completos em técnica, tática e emoções, elevando suas chances de sucesso no longo prazo.

Juntamente com o sistema de jogo 6x0, o rodízio básico, as relações e limites entre as posições básicas do voleibol foram ensinadas através de atividades e, a partir disso, utilizamos o sistema em W para esquematizar o sistema de recepção do time.

Segundo Marchi e Caron (2019), o sistema de passe em W consiste em dividir a quadra em setores onde haverá cinco passadores e um levantador. Nesse esquema tático, inicialmente, o jogador responsável pelo levantamento estará na posição 3 (três), e os dois jogadores responsáveis pelo ataque estarão nas posições 4 (quatro) e 2 (dois) e se aproximam do centro de quadra na mesma linha que a posição 6, os jogadores da zona de defesa se organizam no fundo de quadra com a 6 à frente no meio, a 5 atrás à esquerda e a 1 atrás à direita.

De acordo com a evolução das habilidades técnicas dos alunos, outro esquema tático de jogo foi aplicado: o sistema de jogo 4x2. Esse esquema tático utiliza dois levantadores em diagonal para quatro atacantes na quadra. Mesmo no sistema de rodízio 4x2, a organização da linha de passe se manteve no formato de W, para que os alunos conseguissem se apropriar com qualidade.

Caminhando para os momentos finais do ano letivo de 2024, fizemos uma separação das equipes por gênero, visto que os próximos passos seriam introduzir o saque por cima e o ataque, sendo que, para incorporar esses fundamentos, precisaríamos alterar a altura da rede para a oficial de cada naipe, o que poderia gerar, num primeiro momento, insegurança ou medo de ser atingido pela bola com força.

No fim desse período inicial, foram realizados alguns amistosos para avaliar a evolução das turmas e traçar os próximos objetivos a serem alcançados, uma vez que, nesse começo, o foco da avaliação seria o entendimento tático do jogo, a construção dos fundamentos na partida considerando a pressão do jogo.

Após a avaliação da turma, elaboramos uma periodização simples para traçar os próximos objetivos, que foram introduzir ataque e o saque por cima, que se assimilam na execução, desenvolver o sistema de cobertura e aprimorar os levantamentos.

Para o saque por cima foram utilizadas estratégias similares ao saque por baixo como a alteração do tamanho da quadra, direção, velocidade etc. Além de utilizar referências em alguns pontos da quadra para que os saques fossem direcionados naquele quadrante.

Na introdução do ataque, seguimos os blocos de movimentos previstos por Marchi e Caron (2019) que consiste em: “(a) passada (movimentação das pernas); (b) movimentação dos braços e salto; (c) coordenação e junção dos elementos”. Essa divisão permite que o aluno aprenda de maneira fragmentada o movimento e após o domínio ele possa executar o movimento completo.

Nesse momento foram utilizados diversos mecanismos para o ajuste da passada, desde bambolês no chão para a movimentação das pernas, até a máquina de ataque para a finalização e direcionamento do gesto de ataque dos alunos. Além disso, também utilizamos da largada como uma estratégia para que os alunos evitassem pegar a bola com o braço flexionado ou abaixo da linha da testa.

De acordo com o desenvolvimento do ataque dos alunos finalizamos o sistema ofensivo com o sistema de cobertura, que consiste em dar suporte ao atacante para que a bola que toque no bloqueio não volte diretamente para o chão da equipe que está realizando a ação de ataque. Para isso foi utilizado diversos exercícios nos quais alunos simulavam o ataque, e logo em sequência, algumas bolas eram repostas com velocidade.

Finalizando os elementos técnicos, entraremos em outro aspecto importante para se destacar durante o estágio, a organização do I Torneio dos Inconfidentes que representou uma etapa prática significativa. A iniciativa de promover o evento partiu da necessidade de criar espaços de socialização e intercâmbio entre diferentes instituições e projetos de esporte educacional, fortalecendo o vínculo entre os alunos do IFMG – Campus Ouro Preto e demais projetos da região. Para viabilizar o torneio, foi necessário um amplo planejamento que envolveu desde a elaboração do regulamento, divisão de tarefas entre os membros da comissão organizadora, até o contato com outros projetos e instituições convidadas, promovendo uma articulação de grande valor formativo.

Além dos aspectos logísticos, a vivência direta com a dinâmica dos jogos proporcionou uma experiência em gestão de eventos esportivos. Atividades como estruturação do espaço, recepção dos participantes, mediação de situações imprevistas e condução do cronograma

permitiram compreender, na prática, os desafios e potencialidades de se organizar um torneio com caráter educativo e formativo.

A participação em campeonatos e amistosos foram de extrema importância para a formação social dos atletas envolvidos. Promovemos a criação de laços com outros projetos, além de reafirmar a construção da coletividade do time, sendo que essa característica é essencial no contexto dos esportes coletivos. Além dessas intervenções, também sempre realizamos uma conversa pré e pós jogo para aliviar a tensão que é criada pelo ambiente competitivo que também faz parte da formação integral do atleta.

De forma geral, durante todo o percurso nos estágios, a participação em eventos e competições, como o JIFETS e o Encontro Esportivo, foi marcada por aprendizados, mas também por desafios relacionados a viabilidade dessas ações. Em diversos momentos, enfrentamos limitações orçamentárias que geraram insegurança quanto à disponibilidade de transporte para as equipes, além da incerteza em relação à verba destinada ao auxílio para os estudantes. Essas restrições também impactaram o número de participantes, já que nem sempre era possível levar todos os interessados, o que exigiu escolhas difíceis e o diálogo constante com os participantes do projeto.

Ressalto também que as medidas orçamentárias inerentes ao Instituto impactaram diretamente na realidade do projeto. Os cortes de verbas federais na educação, que impacta diretamente na verba do PIEL que recebe 1(um) por cento da verba geral do campus, fez com que a instituição estruturasse uma parceria com a Fundação Aleijadinho, que também promove atividades vinculadas ao esporte educacional pela Lei de Incentivo ao Esporte (LIE). Portanto, a união entre essas instituições possibilitou a continuidade das atividades esportivas, potencializando o processo e garantindo o acesso ao esporte.

No âmbito interno, durante a organização dos campeonatos do campus, vivenciamos a importância da participação direta dos estudantes em diferentes etapas do processo. A autorganização se fez necessária para que as atividades pudessem acontecer de forma satisfatória. Assim, o processo de aprender a montar e desmontar a rede de vôlei, a atuar como árbitros nas partidas, a assumir a função de técnicos das equipes e a cuidar da organização dos materiais esportivos, foi de extrema importância para os alunos.

Essas experiências, construídas de maneira coletiva, permitiram que os próprios estudantes se responsabilizassem pelo andamento das competições internas, fortalecendo o envolvimento com o esporte dentro da instituição e garantindo que os eventos acontecessem mesmo diante das limitações encontradas.

Outro ponto importante, durante todo esse processo, foram os momentos de conversa antes e depois dos jogos. No período pré-jogo, foi necessário trabalhar o controle da ansiedade, a preparação emocional e a organização coletiva das estratégias, o que ajudava a equipe a entrar em quadra mais focada. Já após as partidas, os diálogos serviram como espaço de reflexão sobre os resultados, permitindo que os estudantes aprendessem a lidar tanto com a alegria das vitórias quanto com a frustração das derrotas. Esse processo não envolveu apenas os atletas, mas também representou uma aprendizagem significativa para mim, enquanto estagiário, uma vez que foi necessário desenvolver sensibilidade para conduzir essas conversas, oferecendo suporte emocional ao grupo e, ao mesmo tempo, aprendendo a gerir minhas próprias expectativas diante dos resultados.

Aproximando-se do encerramento deste relato, destaca-se como última experiência abordada a participação no Encontro Esportivo 2025, realizado na cidade de Bom Despacho – MG. Para a turma recém-formada, este evento representou uma das primeiras oportunidades de vivenciar uma competição intercampi, proporcionando um momento significativo de integração. A interação com estudantes dos 18 campi participantes possibilitou a ampliação de horizontes, a troca de experiências e o fortalecimento do sentimento de pertencimento institucional – aspectos que reforçam o caráter formativo e social do evento, o qual se configura como uma das experiências marcantes viabilizadas pelo IFMG.

ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS

A experiência prática proporcionada pelos estágios resultou em diversos aprendizados construídos de forma contínua ao longo do processo, tanto no âmbito acadêmico quanto no prático. Um dos pontos centrais identificados foi a importância de uma orientação profissional eficaz. Durante o desenvolvimento do estágio, o acompanhamento da supervisora da segunda e terceira intervenções foi essencial para direcionar as atividades, colaborar na elaboração das sessões de treino e auxiliar na periodização das etapas, contribuindo de forma decisiva para uma atuação alinhada aos objetivos estabelecidos.

No primeiro estágio, ficou evidente que a prática se apoiava fortemente em conhecimentos adquiridos com base na vivência esportiva, em contraponto ao embasamento teórico que auxiliaria a organização e aplicação das atividades o que por um momento foi prejudicial aos alunos, visto que, os treinos poderiam ter sido melhores. Inicialmente, os exercícios aplicados para a turma avançada consistiam em intervenções práticas sem uma sistematização adequada ou aporte teórico para as atividades, ou seja, os planejamentos das

ações não seguiam uma progressão de atividades com um objetivo específico previamente traçado.

Ainda, a experiência de forma geral evidenciou a necessidade de adaptar os conteúdos às especificidades e demandas da turma, a escolha dos métodos mais tradicionais de ensino, dificultou num momento inicial a transferência do que foi aprendido na parte técnica para o jogo que acontecia nos momentos finais da sessão de treino, evidenciando que é necessário a utilização de estratégias que facilitem essa transferência.

A necessidade de organizar os conteúdos de maneira progressiva e lógica, respeitando as etapas do desenvolvimento motor e cognitivo dos estudantes, exigiu estudo, avaliação e constantes ajustes no planejamento (Maciel, Tullio; 2020). Esse processo se revelou fundamental para garantir a evolução do grupo, tornando o planejamento uma ferramenta indispensável às intervenções. Cabe ressaltar também, que a estrutura física e material do local influenciou positivamente a condução e a diversidade de treinos. Contar com uma máquina de saque e de ataque para realizar as atividades é um privilégio que ocorre comumente em espaços para o desenvolvimento de atletas de alto rendimento (clubes), ter esse material é um disparate quando olhamos para a realidade de outras instituições locais e regionais.

Outro aspecto relevante identificado foi o papel do esporte como instrumento de socialização (Silva *et al*, 2022). Observou-se que, durante os treinos, os estudantes não apenas se envolveram com as atividades propostas, mas também fortaleceram vínculos, desenvolveram o respeito às regras e contribuíram para o crescimento coletivo. O esporte, nesse contexto, assume uma função educativa que vai além do desenvolvimento físico e motor, atua como um instrumento importante para a socialização e para a educação desses estudantes. Para Silva *et al* (2022), a socialização é o ato de integrar o indivíduo na sociedade, fazendo com que ele tenha um convívio social e familiar sadio, criando também possibilidades que visam melhorar sua vida como um todo. Essa perspectiva está presente no PIEL e na experiência vivenciada no estágio.

É importante destacar também que o envolvimento com a organização do torneio contribuiu significativamente para o fortalecimento do sentimento de pertencimento dos participantes ao projeto e à instituição. O evento se consolidou como um momento simbólico do esporte como prática educativa, além de reforçar a relevância do planejamento e da gestão no cotidiano de profissionais da Educação Física comprometidos com a formação integral dos sujeitos. Dessa forma, ao analisar os aspectos mencionados, fica claro que a atuação no esporte demanda planejamento, flexibilidade e, principalmente, resiliência.

A experiência no projeto “Oficinas de Voleibol” evidenciou que o estágio supervisionado se consolida como um espaço privilegiado de formação crítica e reflexiva para o licenciando em Educação Física, espaço de formação docente (Santos, Meirelles, Meirelles; 2012). Ao longo das três intervenções realizadas, foi possível observar uma progressiva transição de uma prática baseada apenas na vivência esportiva para uma atuação fundamentada em planejamento pedagógico e aporte teórico consistente.

Esse processo formativo, mediado pela supervisão e pelo acompanhamento contínuo, contribuiu para a construção da identidade docente, tornando o processo mais crítico, reflexivo e autônomo. Como afirmam Júnior, Oliveira e Gariglio (2022), o estágio supervisionado deve articular teoria e prática de maneira reflexiva, sendo um componente insubstituível para o desenvolvimento profissional. Mais que espaço de aplicação técnica, configura-se como ambiente de reelaboração da docência, no qual a vivência prática dialoga com referenciais teóricos para construir um repertório pedagógico sólido.

Ainda nesse percurso, é importante destacar a valorização do estagiário como um aspecto essencial na formação docente. Segundo Capone (2010, p. 66) sua atuação não pode ser reduzida à de mão de obra barata, como frequentemente ocorre em diferentes contextos de atuação profissional. Em academias e centros privados, por exemplo, muitas vezes o estágio assume caráter meramente operacional, distanciando-se da vivência pedagógica. Em contraponto, o estágio supervisionado realizado configurou-se como um espaço formativo orientado por objetivos claros, em que a prática foi articulada com a teoria, mediada pela supervisão docente e pelo acompanhamento sistemático. Essa estrutura possibilita ao estagiário experimentar, refletir e reconstruir sua prática pedagógica em um ambiente educativo, garantindo o direcionamento do processo de aprendizagem na construção da identidade profissional.

O estágio, assim, representa um espaço formativo integral, em que o licenciando vivencia o planejamento, a execução e avaliação que favorece a construção de um olhar mais sensível para a heterogeneidade dos grupos, respeitando ritmos, limites e potencialidades individuais e coletivas (Pimenta, Lima; 2004). Essa perspectiva se conecta diretamente com a experiência relatada, na qual o planejamento pedagógico assumiu papel estratégico ao garantir clareza dos objetivos, progressão lógica e um olhar sensível para as adaptações metodológicas. Neste sentido, o planejamento deixou de ser mera “burocracia” e se consolidou como ferramenta essencial para a autonomia e responsabilidade do estagiário.

Nesse ponto, é possível ampliar a reflexão com base em Larrosa Bondía (2002), ao propor compreender a educação pelo par experiência/sentido. Para o autor, “a experiência é o que nos

acontece, o que nos toca” (Bondia, 2002, p. 21), diferente da informação, que tende a apagar a possibilidade de vivência significativa. Em suas palavras, “a informação não é experiência. A informação não deixa lugar para a experiência, ela é quase o contrário da experiência, quase uma antiexperiência” (Bondia, 2002, p. 21). Assim, entender que o estágio supervisionado não se limita a acumular informações técnicas sobre treinamento ou planejamento, mas constitui uma experiência formativa, marcada por reflexão e transformação da identidade docente. Essa perspectiva aproxima-se diretamente da trajetória vivida, que passou de intervenções apoiadas apenas na vivência esportiva para práticas intencionais, fundamentadas teoricamente e dotadas de sentido.

Outro ponto de destaque foi o desenvolvimento das competências docentes a partir da vivência com o planejamento de treinos e com as adaptações metodológicas necessárias. A escolha por métodos tradicionais e progressivos, aliada ao uso de jogos adaptados, possibilitou a construção de ambientes de aprendizagem mais acessíveis, desafiadores e significativos. Como destaca Bizzocchi (2013), é necessário alinhar o entendimento da complexidade dos fundamentos a uma abordagem com intencionalidade pedagógica bem estruturada. Esse processo facilitará o ensino aprendizagem do aluno aumentando o grau de associação do fundamento propiciando um ambiente adequado de desenvolvimento.

Além disso, é importante ressaltar que durante o desenvolvimento do estágio, foi utilizada uma articulação entre os princípios do treinamento esportivo e os fundamentos do esporte educacional. Embora a condução das aulas tenha se apoiado em autores do treinamento esportivo, com ênfase em aspectos como organização das cargas, progressão técnica e desenvolvimento de habilidades específicas, a metodologia adotada buscou constantemente adaptar tais conteúdos às realidades e necessidades do grupo participante. Ou seja, ainda que se utilizasse uma lógica de aperfeiçoamento técnico e tático, característica do treinamento esportivo, o foco principal esteve centrado na perspectiva educacional do esporte, que valoriza a participação, a diversidade e a aprendizagem coletiva.

Na terceira intervenção, já nos momentos finais da graduação, a prática pedagógica se mostrou mais amadurecida, resultado direto do acúmulo de experiências anteriores e da consolidação dos conhecimentos adquiridos ao longo do curso. A aplicação de uma periodização mais estruturada, com divisão clara dos fundamentos técnicos e táticos, aliada ao uso de métodos progressivos e jogos adaptados, demonstrou uma evolução significativa no planejamento das sessões. As escolhas pedagógicas passaram a ser guiadas não apenas pela vivência empírica, mas por critérios metodológicos fundamentados, considerando o nível de complexidade dos conteúdos e a lógica de progressão das aprendizagens.

Essa melhora na organização dos treinos reflete não só o domínio técnico e didático adquirido, mas também o entendimento mais profundo sobre o papel do professor como mediador do processo de ensino-aprendizagem. A capacidade de diagnosticar as necessidades do grupo, propor atividades adequadas e ajustar o percurso formativo conforme as respostas dos alunos evidencia a consolidação de uma postura pedagógica crítica e propositiva. Assim, a terceira fase do estágio não apenas reafirma a importância da prática supervisionada, mas simboliza a transição do licenciando para um futuro profissional com maior autonomia e consciência pedagógica.

Ademais, a dimensão social do esporte foi reafirmada ao longo do estágio. O voleibol, nesse contexto, atuou como mediador das relações interpessoais, promovendo o respeito, o trabalho em equipe, a empatia e a cooperação entre os alunos, indo ao encontro dos objetivos estabelecidos pelo PIEL. A mediação de conflitos, as conversas pré e pós-jogo e a realização de eventos e campeonatos internos foram momentos decisivos para consolidar valores formativos e criar um ambiente educativo seguro e acolhedor.

Por fim, a prática pedagógica no âmbito do PIEL demonstrou a necessidade de um distanciamento da lógica estritamente competitiva, sobretudo nas fases iniciais do processo formativo, priorizando o desenvolvimento integral dos alunos e a formação de sujeitos críticos e participativos.

No contexto do IFMG, o Programa Institucional de Esporte e Lazer (PIEL) surgiu como garantia do fomento ao esporte educacional, anteriormente vinculado ao setor de extensão. A manutenção dessas iniciativas é de extrema relevância, pois contribui diretamente para a formação crítica, reflexiva e autônoma dos estudantes, ampliando suas experiências para além da sala de aula. Entretanto, durante o período de estágio, evidenciou-se a escassez de recursos financeiros destinados à educação que consequentemente impactou os recursos destinados para o PIEL, fator que compromete tanto a efetividade quanto a continuidade dos projetos, restringindo seu alcance e diminuindo seu potencial de impacto social e pedagógico.

Ao refletir sobre os desafios que envolvem a consolidação do esporte educacional no Brasil, é necessário abordar a seguinte questão: como o Estado tem garantido o financiamento e a continuidade dessas práticas dentro das instituições de ensino? Nessa conjuntura, destaca-se o papel do Estado no fomento ao esporte escolar, que prevê o dever do governo no inciso II⁴, artigo 217 da Constituição Federal de 1988.

⁴ Segundo Brasil (1988), “a destinação de recursos públicos para a promoção prioritária do desporto educacional e, em casos específicos, para a do desporto de alto rendimento”.

A construção de uma política que reafirme e assegure o financiamento do esporte no ambiente escolar representa um avanço significativo, ainda que, no caso dos Institutos Federais de Minas Gerais, esse custeio dependa das verbas destinadas à educação pelo Ministério da Educação. A garantia desse espaço de vivência impacta diretamente o desenvolvimento dos estudantes e da comunidade. Portanto, torna-se necessária uma reflexão crítica e o alinhamento de políticas públicas eficazes que ampliem o acesso não apenas à comunidade local, mas também a outros contextos sociais e educacionais.

A experiência relatada reforça que a intenção pedagógica, aliada ao suporte institucional e à mediação docente qualificada, é determinante para o êxito das práticas esportivas escolares. Ressalta-se também, a importância do financiamento adequado ao projeto, que durante um período foi comprometido e mesmo que momentâneo quase impactou na continuidade do projeto.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A participação no projeto “Oficinas de Voleibol”, dentro do Programa Institucional de Esporte e Lazer (PIEL), foi fundamental para a formação docente, proporcionando a integração entre teoria e prática ao longo das três intervenções. A experiência evidenciou a importância do planejamento, da periodização e da mediação pedagógica sensível às realidades dos alunos, além de reafirmar o papel do esporte como ferramenta de formação integral.

As atividades extracurriculares desenvolvidas mostraram-se potentes no fortalecimento de vínculos sociais e na promoção de um ambiente educativo acolhedor. O estágio supervisionado, nesse contexto, foi essencial para consolidar saberes, desenvolver competências e amadurecer a identidade profissional.

Nesse processo formativo, compreendeu-se também que a atuação docente não deve se limitar ao desenvolvimento técnico, mas está intrinsecamente relacionada à formação integral do aluno. Ela vai além do simples ensino de habilidades motoras, envolvendo também a formação social, cognitiva e a aquisição de capital cultural. Nesse sentido, é necessário compreender o esporte como uma ferramenta transformadora que extrapola o ambiente em que ocorre, reconhecendo como as práticas corporais atravessam os espaços e os corpos que as vivenciam, influenciando diretamente seu desenvolvimento.

Conclui-se, portanto, que a formação crítica e qualificada do professor de Educação Física passa por vivências práticas significativas como esta, que ampliam o olhar sobre o ensino do esporte e seu potencial transformador.

REFERÊNCIAS

ALENCAR, Thiago Ayala Melo di; MATIAS, Karinna Ferreira de Sousa. Princípios Fisiológicos do Aquecimento e Alongamento Muscular na Atividade Esportiva. **Revista Brasileira de Medicina do Esporte**, [S.I.], v. 16, n. 3, p. 230-234, maio 2010.

ALMEIDA JÚNIOR, Admir Soares de; OLIVEIRA, Cláudio Márcio; GARIGLIO, José Ângelo. FORMAÇÃO ACADÊMICA INICIAL DE PROFESSORES/AS DE EDUCAÇÃO FÍSICA A PARTIR DA EXPERIÊNCIA DE ESTÁGIO SUPERVISIONADO NA UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS: trânsito de/entre linguagens. **Formação Docente – Revista Brasileira de Pesquisa Sobre Formação de Professores**, [S.L.], v. 14, n. 30, p. 107-121, 29 ago. 2022. Revista Brasileira de Pesquisa sobre Formacao de Professores. <http://dx.doi.org/10.31639/rbfp.v14i30.596>.

BIZZOCCHI, Carlos. O Voleibol de Alto Nível: da Iniciação à Competição. 4. ed. Barueri: Manole, 2013. *E-book*. p.1. ISBN 9788520444788. Disponível em: <https://integrada.minhabiblioteca.com.br/reader/books/9788520444788/>. Acesso em: 23 jun. 2025.

BRASIL. *Constituição da República Federativa do Brasil de 1988*. Brasília: Senado Federal, 1988. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm. Acesso em: 17 jun. 2025.

CAPONE, Luigi. A fraude à lei do estágio e a flexibilização do direito do trabalho. Revista do Tribunal Regional do Trabalho da 3a. Região. Belo Horizonte, v. 51, n. 81, p. 47-70, jan./jun. 2010.

IFMG. Portaria nº 459, de 26 de abril de 2019. Dispõe sobre o Programa Institucional de Esporte e Lazer – PIEL. Disponível em: <https://www.ifmg.edu.br>. Acesso em: 20 jun. 2025.

IFMG. O Campus Ouro Preto. Disponível em: <https://ouopreto.ifmg.edu.br/ouopreto/institucional/o-campus#wrapper>. Acesso em: 22 jul. 2025.

KRAHENBÜHL, Tathyane; MACHADO, João Claudio; MILISTETD, Michel; LEONARDO, Lucas. Formação esportiva no voleibol de base. **Movimento**, [S.L.], v. 30, n. 1, p. 01-23, 16 set. 2024. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. <http://dx.doi.org/10.22456/1982-8918.137122>.

LARROSA BONDÍA, J. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. *Revista Brasileira de Educação*, n. 19, p. 20-28, jan./abr. 2002.

MACIEL, Maria Elganei; TULLIO, Maria Isabel. Planejamento Nas Aulas De Educação Física Escolar. **Faculdade Sant’Ana em Revista**, [S. l.], v. 4, n. 2, p. p. 166 – 181, 2020. Disponível em: <https://www.iesa.edu.br/revista/index.php/fsr/article/view/1965>. Acesso em: 9 ago. 2025.

MARCHI JÚNIOR, Wanderley; CARON, Ana Elisa Guginski. **Introdução ao ensino do voleibol**. Curitiba: Intersaberes, 2019. *E-book*. Disponível em: <https://plataforma.bvirtual.com.br>. Acesso em: 15 jul. 2025.

MARQUES, Renato Francisco Rodrigues; GUTIERREZ, Gustavo Luis; ALMEIDA, Marco Antonio Bettine de. O ESPORTE CONTEMPORÂNEO E O MODELO DE CONCEPÇÃO DAS FORMAS DE MANIFESTAÇÃO DO ESPORTE. *Revista da Faculdade de Educação Física da Unicamp, Campinas*, v. 6, n. 2, p. 42-61, jul. 2008.

MUSSI, Ricardo Franklin de Freitas; FLORES, Fabio Fernandes; ALMEIDA, Cláudio Bispo de. Pressupostos para a elaboração de relato de experiência como conhecimento científico. **Práxis Educacional**, [S.L.], v. 17, n. 48, p. 1-18, 1 set. 2021. Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia/Edicoes UESB. <http://dx.doi.org/10.22481/praxisedu.v17i48.9010>.

OLIVEIRA, Amauri Aparecido Bássoli de; PERIM, Gianna Lepre (org.). **Fundamentos pedagógicos do Programa Segundo Tempo: 1º ciclo nacional de capacitação dos coordenadores de núcleo**. Brasília: Ministério do Esporte, 2008. 296 p.

PIMENTA, Selma Garrido; LIMA, Maria Socorro Lucena. **Estágio e docência**. São Paulo: Cortez, 2004.

SAAD, M. A. Estruturação das Sessões de Treinamento Técnico-Tático nos Escalões de Formação do Futsal. 2002, 101f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) - Centro de Desportos, Universidade Federal de Santa Catarina, Santa Catarina, 2002. Disponível em internet.<https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/83450/188807.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em 15 jul. 2025.

SANTOS, Lourival da Silva; MEIRELES, Marta Martins; MEIRELES, Maximiano Martins de. Contra o desperdício da prática e da experiência: o estágio supervisionado como espaço de formação docente. **Anais...** VI Colóquio Internacional “Educação e Contemporaneidade”. São Cristovão/SE, Brasil. setembro, 2012.

SAÚDE, Ministério da. **Covid - 19**. Disponível em: <https://www.gov.br/saude/pt-br/assuntos/saude-de-a-a-z/c/covid-19>. Acesso em: 25 ago. 2025.

SILVA, José Ronaldo da; SILVA, Laís Fátima da; SILVA, Leandro Veloso; CAMPOS, Rafaella Cristina. O esporte como ferramenta para socialização de adolescentes moradores de periferia. **Educação em Debate**, Fortaleza, ano 44, nº 87 - jan./abr. 2022.

TANI, Go; BASSO, Luciano; CORRÊA, Umberto Cesar. O ensino do esporte para crianças e jovens: considerações sobre uma fase do processo de desenvolvimento motor esquecida. **Revista da Faculdade de Educação Física Esporte**, São Paulo, v. 26, n. 2, p. 339-350, abr. 2012.

TUBINO, Manoel. Estudos brasileiros sobre o esporte: Ênfase no esporte-educação. Maringá: Editora da Universidade Estadual de Maringá, 2010. 163 p.

ANEXO A

SEÇÃO DO ARTIGO	ELEMENTOS DA SEÇÃO	PERGUNTA FACILITADORA PARA DESCRIÇÃO.	TIPOS DE CATEGORIAS (DESCRIÇÃO)
Introdução	1. Campo teórico	- Quais são os conceitos chaves do tema? - Qual a importância deste relato? - Por que escrever este relato? - Adveio de qual problema?	Referenciada
	2. Objetivo	Qual o objetivo deste relato?	Informativa
Materiais e Métodos / Procedimentos metodológicos	3. Período temporal	Quando (data)? Quanto tempo (horas, dias ou meses)?	Informativa
	4. Descrição do local	Quais são as características do local e onde fica situado geograficamente (cidade, estado e país)?	Informativa
	5. Eixo da experiência	Do que se trata a experiência?	Informativa
	6. Caracterização da atividade relatada	Como a atividade foi desenvolvida?	Informativa
	7. Tipo da vivência	Qual foi o tipo de intervenção realizada?	Informativa
	8. Público da ação interventiva	Qual o perfil ou característica destas pessoas?	Informativa
	9. Recursos	O que foi usado como material na intervenção?	Informativa
	10. Ação	O que foi feito? E como foi feito?	Referenciada
	11. Instrumentos	Quais foram as formas e materiais utilizados para coletar as informações?	Referenciada
	12. Critérios de análise	Como ocorrerá a análise das informações obtidas?	Referenciada
	13. Eticidade	De quais formas houve o cuidado ético?	Informativa
Resultados	14. Resultados	Quais foram os resultados advindo da experiência? Quais foram as principais experiências vivenciadas?	Informativa
Discussão	15. Diálogo entre o relato e a literatura	Quem (na literatura) pode dialogar com minhas informações do relato?	Dialogada
	16. Comentário acerca das informações do relato	Quais nexos complementares podem ser feito com os dados da experiência?	Dialogada
	17. Análise das informações do RE	Quais reflexões críticas o texto faz? Como os resultados desta experiência podem ser explicados por outros estudos? (artigos, outros RE, dentre outros)	Crítica
	18. Dificuldades	Quais foram os aspectos que dificultaram o processo? (Limitações) O que foi feito perante essas limitações?	Informativa
	19. Potencialidades	Quais foram os aspectos que potencializaram o processo?	Informativa
Considerações finais ou conclusão	20. Finalidade	O intuito do relato foi alcançado?	Informativa
	21. Proposições	Além do que fora realizado, o que mais poderia ser feito?	Informativa
Referência	22. Citação	Quais estudos foram usados para a construção do RE?	Informativa